

Terra conquistada

A pátria de alma bandeirante

Sílvia Lopes Raimundo



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/303>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.303

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 julho 2000

ISSN: 1519-1265

Refêrencia eletrónica

Sílvia Lopes Raimundo, «Terra conquistada», *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/303> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.303>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Terra conquistada

A pátria de alma bandeirante

Sílvia Lopes Raimundo

... E o Brasil ficou sendo o que é liricamente.
E o Brasil ficou tendo a forma de uma harpa
geograficamente.

E o Brasil é este poema menino que acontece na
vida da gente...

Cassiano Ricardo

- 1 Este artigo é produto de um trabalho maior, apresentado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a conclusão do curso de graduação em geografia. Com o título A Gesta Bandeirante – O Regionalismo Paulista na Obra de Cassiano Ricardo, o trabalho consistiu num estudo sobre a formação do sentimento regional produzido no universo da literatura paulista.
- 2 A partir de alguns elementos culturais reconhecidos como típicos de determinadas regiões brasileiras, São Paulo, de certa forma, sempre ocupou uma situação diferente, já que aparentemente nunca teve, junto à sociedade, uma consistência identitária muito visível. Contudo, a própria inexistência de indícios do jeito de ser do paulista apresentou-se como um importante fator para estarmos nos questionando sobre a existência ou não, ainda que eclipsado, de um discurso regionalista em São Paulo.
- 3 O regionalismo, por sua vez, é um tema recorrente nas investigações realizadas nas áreas de ciências sociais e humanas, como tentativa de entendimento dos diversos constructos imaginários acerca da elaboração de uma identidade nacional. Nesse sentido poderíamos elencar aqui os trabalhos de Rosa Maria Godoy Silveira, Regionalismo Nordestino – Existência e Consciência da Desigualdade Regional (1984); Mônica Pimenta Velloso, O Mito da Originalidade Brasileira, a Trajetória Intelectual de Cassiano Ricardo dos 20 ao Estado-Novo (1983); Maria Arminda do Nascimento Arruda, Mitologia da Mineiridade (1990); e Ruben George Oliven, A Fabricação do Gaúcho (1984) e A Parte e o Todo – A Diversidade Cultural no Brasil-Nação (1992).

Retalhos da Realidade Brasileira

- 4 Em diferentes momentos da história, intelectuais dedicaram-se à tarefa de pensar o Brasil, reviver a descoberta e descobrir novamente os elementos definidores da nação. O eterno retorno de Marilene Meyer (1980). Na busca para definir alteridades, a identidade pelo espaço e a criação de um discurso de essência local tiveram sucessivas elaborações. Os discursos sobre a construção de identidades locais-nacionais encontraram, na literatura, um riquíssimo campo para esse tipo de manifestação.
- 5 Durante o Romantismo, por um desejo maior de exprimir o sentimento de nacionalidade, apareceram muitas visões sobre as diferentes faces da realidade brasileira. Esta expressão tendia acompanhar a variedade dos ambientes como a cidade, o litoral, o campo e o sertão. Não se tratava de regionalismo, era puro sentimento local. O localismo se apresentou como um estudo dos diferentes ambientes brasileiros, ainda que permanecesse como principal propósito a nação. Entre nomes como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora, podemos destacar os requintados ambientes descritos por José de Alencar, tais como o litoral em *Contrabandistas* e *Ermitão da Glória*; a cidade em *Pata da Gazela* e *Sonhos de Ouro*; a roça em *O Tronco de Ipê e Til*; e o sertão em *O Sertanejo* (LINHARES, 1987).
- 6 A geração romântica era formada por intelectuais e políticos ligados ao Imperador. Os românticos, por acreditarem na necessidade de um projeto nacional, desenvolveram entre outras atividades a de construir a história da nação. Berço deste ideário, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, desempenhou importante papel como agregador das elites políticas e intelectuais. O Instituto, a partir da incorporação dos intelectuais da época, contribuiu para a construção dos mitos e do imaginário da nacionalidade (SCHWARCZ, 1989).
- 7 Na escrita da história, o movimento romântico valorizou o singular de cada cultura, as diversas facetas que compunham a peculiaridade de ser brasileiro. Na realidade, demarcou o momento logo após a Independência, que despertava nos habitantes a necessidade de conhecer e preservar as coisas do Brasil em detrimento das universais. Era tempo de criar tipos autenticamente da terra e consagrar um conjunto de valores nacionais (FERRARA, 1978).
- 8 Em 1880, a estética realista-naturalista, representada por uma geração seduzida pelos métodos científicos europeus, passou a ver o Brasil com uma visão muito mais objetiva que a geração passada. A transposição dos métodos científicos europeus possibilitou a objetivação da realidade brasileira tanto no romance urbano quanto na ficção ligada ao sertanismo dos chamados pré-modernistas (OLIVEIRA, 1990).
- 9 No começo do século XX, alguns escritores, como Valdomiro Silveira e Simões Lopes Neto, imprimiram em seus textos preciosos contornos físicos e sociais que de certo modo, como coloca Alfredo Bosi, acrescentaram na literatura algo herdado do naturalismo, na medida em que esses autores mostraram, a partir de pesquisas sobre a linguagem e o folclore do interior, o meio rural com certa fidelidade. O fato “de terem pensado a terra e o homem do interior já era um sintoma de que nem tudo tinha virado 'belle époque' no Brasil de 1900” (BOSI, 1969:12).
- 10 O local é o rural, o personagem é o sertanejo e o sertão volta a ser identificado como fonte da nacionalidade, assim como o fora em Franklin Távora, no Romantismo. Revelar a parte desconhecida do Brasil e apresentar uma nova maneira de interpretar os

problemas nacionais era o sentido de Os Sertões de Euclides da Cunha. Através de uma vivência real em Canudos, o autor aproximou o texto literário da realidade e da ciência. Em contraposição ao morador do litoral, o sertanejo agora tem a chave para definir a nacionalidade (SOUZA, 1997).

- 11 A valorização do interior e das peculiaridades locais foram objetivos dos pré-modernistas, a única diferença está no lugar de referência. Valdomiro Silveira (1873-1941), por exemplo, descreveu o caipira de São Paulo; João Simões Lopes Neto (1865-1916), retratou o interior do Rio Grande do Sul; Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), descreveu a vida dos tropeiros goianos e por último Monteiro Lobato (1882-1948) tratou principalmente das “Cidades Mortas” do Vale do Paraíba (LEITE, 1983). Neste momento, como quer Mônica Pimenta Velloso, o Brasil ainda é retratado como um caleidoscópio de realidades, onde cada parte tinha seu próprio sentido (VELLOSO, 1983).
- 12 O processo de valorização daquilo que seria mais autenticamente brasileiro e a tendência de exaltar as virtudes do caráter nacional através do resgate das figuras do índio, do caipira e do sertanejo continuaria se refletindo no século XX. A preocupação com a definição do que era ser brasileiro intensificaria a associação literatura / Estado Nacional, tema que encontraria no movimento Modernista um meio bastante fértil. O movimento que significou uma ruptura com a estética e a linguagem do fim do século XIX, representou para o Brasil tanto uma atualização dos movimentos culturais e artísticos que aconteciam na Europa quanto uma valorização do que o país tinha de mais autêntico, reinventando de outro modo a praxis do nacionalismo (BOSI, 1974).
- 13 Neste momento, o sentimento localista ganharia outros aspectos; deixaria de aparecer somente como elemento de estudos e retratos de lugares, para surgir como um elaborado discurso de pertencimento a determinados espaços. A partir de então, o nacionalismo tomaria novo sentido, agora em função das manifestações regionalistas.
- 14 O regionalismo tem no Estado, entendido como aparelho político que governa a sociedade, sua instituição central, o que torna a dimensão política seu elemento definidor. Por isso, mesmo que a causa regional seja econômica na sua natureza, seu objetivo é político, uma vez que ela se torna regionalizada por intermédio de uma reivindicação frente a uma instituição estatal, invariavelmente visando uma mudança no tratamento das questões territoriais (MARKUNSEN, 1981).
- 15 Assim, essas porções do espaço terrestre transformam-se em entidades territoriais, forças políticas, atores ou heróis da história. “Temos assim um fenômeno que é essencialmente político em sua definição e que se caracteriza também por desigualdades sociais, mas que se articula mobilizando sentimentos coletivos e veiculando identidades e ideologias associadas a memórias sociais” (OLIVEN, 1991:18). Nessa perspectiva, o regionalismo pode ser entendido como um campo de lutas propriamente simbólicas, no qual grupos com diferentes posições e interesses se enfrentam para a definição ou conservação de uma legítima divisão do mundo social. (BOURDIEU, 1982)
- 16 Gilberto Freyre caminhou nesse sentido, quando no Manifesto Regionalista, lançado no Recife de 1926, apresentou temas que mais tarde comporiam as páginas redigidas por outros intelectuais brasileiros. A defesa da região como unidade de organização nacional e da conservação dos valores locais teria, a partir de então, expressão nos textos da literatura nacional escritos em diferentes regiões do Brasil.

- 17 A exemplo do regionalismo de Gilberto Freyre, os temas relacionados à conquista do território e manutenção da integridade territorial tiveram um importante papel na elaboração de discursos que priorizaram a consolidação da identidade nacional.
- 18 Diversas vezes revisitado, o tema da terra conquistada alcançou um papel de destaque no universo do pensamento social brasileiro. Na expressão de Lúcia Lippi de Oliveira: “O sucesso das interpretações que falam da singularidade brasileira em termos de espaço é maior e mais durável do que a da retomada dos eventos históricos. A conquista e a ocupação de terras oferecem uma genealogia retomada na construção da brasilidade” (OLIVEIRA, 1999:47).
- 19 A historiografia sobre a expansão territorial, em muitos casos, buscou relacionar o processo de ocupação das terras com uma certa singularidade do ser brasileiro. A nação que remonta aos primórdios da ocupação colonial se encontraria como tal desde a primeira marcha em direção ao interior. Ao escreverem a história do Brasil, seus idealizadores destacaram a dimensão territorial em detrimento de uma temporal; na ausência de um passado histórico mais remoto, acabaram construindo representações do espaço, fazendo do território base para um projeto nacional (MORAES, 1991; OLIVEIRA, 1999).
- 20 Constructo ideológico de pequenos grupos, a nação precisa ser aceita por um coletivo maior (OLIVEIRA, 1990). Comunidade imaginada, limitada e soberana, para Benedict Anderson, a nação pode ser entendida, como comunidade que se imagina a partir de discursos nacionalistas, historicamente consolidados e aceitos por um coletivo que se reúne num território soberanamente governado e delimitado por fronteiras (ANDERSON, 1989).
- 21 Na historiografia brasileira, a conquista territorial aparece como tema central para a construção da idéia de nação (VELLOSO, 1990; OLIVEIRA, 1991). O consenso e os sentimentos que determinam o Brasil como comunidade, reconhecida como tal, dá-se frente ao território. E essa idéia de nação concebida a partir do território está fortemente ligada aos discursos localistas-regionalistas, posto que, de algum modo, em todas as regiões que conformam esse país, sempre houve algum tipo de construção do território nacional.

O Herói Martim Cererê e a Gesta Bandeirante

- 22 Um dos maiores exemplos dessa construção imagético-discursiva está na obra de Cassiano Ricardo. O poeta modernista, com participação ativa na vida cultural de São Paulo, publicou em 1928 *Martim Cererê – o Brasil dos Meninos, dos Poetas e dos Heróis*, livro que buscou construir uma mitologia nacional vinculada à exaltação do índio brasileiro. A poesia de Cassiano Ricardo conta a história e o percurso de uma nova raça, produto da miscigenação de brancos, índios e negros. O mameluco reapareceria mais tarde nos ensaios históricos: *O Brasil no Original* (1936) e *Marcha para Oeste* (1940). Martim Cererê desenvolveu-se quase que totalmente através das ações de um personagem que, devendo no princípio representar os nascidos em São Paulo de Piratininga, durante o Estado-Novo foi transformado numa espécie de herói nacional.
- 23 Com relação à estética, Martim Cererê, pode ser classificado como quase épico, já que seu autor explorou o passado dos primeiros povoadores de São Paulo, buscando caracterizá-lo como portador de uma garra quase que fantasiosa, à moda dos grandes

heróis da história universal. A mitologia clássica persiste na fase nacionalista do modernismo, quando as referências a determinados personagens como Orfeu, Pégaso, Midas e Édipo são muito frequentes. Em Cassiano Ricardo, Borba Gato e Raposo Tavares aparecem associados a Ulisses de Homero.

- 24 Em muitos compêndios de história da literatura brasileira Martim Cererê, por apresentar ao mesmo tempo, elementos dos gêneros épico, dramático e lírico, é considerado como obra eclética, embora os elementos da epopéia sejam considerados os mais importantes (BRAYNER,1979). Por isso o autor apresentou um livro de poesias dotado de um sentido histórico, uma espécie de gesta que narra as façanhas de um guerreiro.
- 25 Ao estruturar um livro de poesias com forte tendência histórica, acompanhada com doses de mitologia, Cassiano Ricardo, a moda das gestas, desenvolveu o enredo quase que totalmente a partir das ações de um herói. E este, por sua vez, foi meticulosamente construído para reunir condições de representar características como força, coragem e capacidade de trabalho. Pois somente assim o autor poderia atribuir a esse herói, um bandeirante paulista, como num passe de mágica, a construção do território nacional.
- 26 O estilo adotado por Cassiano Ricardo envolve, no que diz respeito às interpretações acerca da sociedade brasileira, questões muito relevantes. A organização temática do livro demonstra que os objetivos do autor foram além das análises sugeridas em compêndios de literatura brasileira. Num trabalho crítico sobre o autor, Mônica Pimenta Velloso aponta que, no processo de elaboração, Cassiano Ricardo acabou escrevendo a história brasileira baseada em argumentações geográficas (VELLOSO, 1990). Talvez por esse motivo, Cassiano Ricardo tenha permitido ao principal personagem do livro ter uma especial percepção do território colonial brasileiro, característica demonstrada através do recurso de fazer o Martim Cererê circular livremente por todo o tempo e espaço do livro.
- 27 No movimento de ir e vir, ao herói caberia o papel de representar o grupo e o espírito bandeirante, presentes no processo de expansão das fronteiras. São Paulo, ponto de partida e de chegada, lugar de onde os paulistas saíram para conquistar o sertão e semear o jeito de viver no planalto de Piratininga, seria caracterizado nas décadas de 20 e 30 como uma das matrizes para definir a nação.
- 28 Cassiano Ricardo, muito baseado numa historiografia formada por trabalhos de Oliveira Vianna, Oliveira Martins, Afonso Taunay, Alfredo Ellis Junior, Paulo Prado, Alcântara Machado, Basílio Magalhães, entre outros, buscou transformar um personagem histórico em herói nacional. No interior deste grupo, o autor pode até ser responsabilizado como importante divulgador da imagem civilizadora e expansionista envolvida no bandeirantismo. Como afirma Carlos Davidoff, existe um traço comum em todos os discursos que objetivaram a glorificação da figura do herói paulista: “Herói civilizador, que antecipa e realiza, através de suas ações práticas, a 'alma da nação brasileira' e que constrói e prenuncia o Estado Nacional, através do devassamento dos sertões e da incorporação de imensas regiões de domínio brasileiro” (1982:85). Contudo, foi Cassiano Ricardo que, a partir de textos, divulgados em livros, revistas e jornais, transformou Martim Cererê em forte candidato a representante dos paulistas.

A Pátria Bandeirante de Cassiano Ricardo

- 29 Na companhia de tantos outros intelectuais, Cassiano Ricardo também esteve a par das questões sugeridas pelas agendas do meio político e literário daquele período. O momento era o de conhecer o país, tempo no qual os homens públicos e letrados, amparados pelo pensamento de Comte, Darwin, Spencer e Taine, pensavam solucionar os problemas nacionais.
- 30 O Brasil desse contexto também assistiu a chegada das idéias de alguns autores da geografia européia, como Camille Vallaux, Pierre Deffontaines, Jean Brunhes e De Martonne, além de Ratzel e Vidal de La Blache. E apesar do contato com esses autores ter acontecido muitas vezes de maneira indireta, através da leitura de livros, como a Geografia Humana: Política e Econômica de Delgado de Carvalho e La Terre et l'Evolution Humaine de Lucien Febvre, resultou numa ampla incorporação de conceitos tanto da geografia alemã quanto da Escola Geográfica Francesa (MORAES, 1991; MACHADO, 1995).
- 31 No caso dos livros de Cassiano Ricardo, principalmente dos ensaios O Brasil no Original e Marcha para Oeste, a influência recebida através de alguns divulgadores dessas correntes foi bastante significativa, já que as idéias geográficas acabaram orientando o desenvolvimento do trabalho. O autor procurou abordar questões ligadas à brasilidade, baseando-se em argumentos e conceitos geográficos tais como fronteira, território, habitat, gênero de vida e região.
- 32 Em Marcha para Oeste, Cassiano Ricardo fez referência a um dos livros de Edgar Roquette Pinto, fato que parece esclarecer algumas questões relativas às escolhas e caminhos por ele trilhados. O autor de Seixos Rolados, dono de um discurso cheio de indignação, pertencia ao grupo de intelectuais que defendia a necessidade imediata de conhecer e explorar as temáticas nacionais. Um trecho retirado desse livro explicita essa idéia:
- “o Brasil não é um terreno baldio, campo sem dono aguardando energias estranhas. Habita-o um povo que, para vencer suas dificuldades históricas, apenas precisa que lhe digam palavras tónicas, capazes de lhe infundir a convicção do valor próprio. Patriotismo gera-se pelo exemplo e a palavra propaga o exemplo. (...) em geographia humana ha sempre lugar para quem queira trabalhar; e o Brasil é assumpto virgem. Para servi-lo, antes de mais nada, é preciso conhecê-lo” (ROQUETTE PINTO, 1927:48-49).
- 33 Depois de apresentar o livro como uma espécie de chamamento para um certo modo de militância intelectual, onde o principal objeto do conhecimento deveria estar no próprio país, Roquette Pinto esclareceu que o caminho para interpretá-lo viria dos olhares da geografia:
- “Terra de tão forte ascendente sobre os homens, deve ter influido de um modo proprio sobre o povo que a habita; qual foi essa influência?” ou ainda, “povo ‘laborioso e manso’, tal como pintou Rio Branco, deve ter transformado esse torrão americano; qual foi a transformação?” (Id., Ibid.:50).
- 34 Na mesma direção, o artigo Determinismo na História de Joaquim Pimenta, publicado na Revista Novíssima em 1924, também fez referência às relações de interdependência entre homem e meio, ao apontar, em seu texto, tanto a existência de determinações físicas às ações humanas quanto de reações humanas às pressões da natureza:
- “O poder de reação, de combatividade de um povo, assenta em um lastro de energias hereditárias e adquiridas que condensam e estratificam os elementos de

resistência física, moral e intelectual das suas unidades. É uma resultante de forças Kosmicas, vitais e sociais que actuam com o mesmo rigor determinista sobre os indivíduos e os diferentes espécimes de sociedade, dando-lhes uma estrutura específica, uma 'facies' própria”.

35 E mais adiante:

“Entre este [o meio] e o grupo social há uma troca de energias, um fenómeno de symbiose de acção e de reacção reciprocas, em virtude dos quais a vida individual e colectiva se conserva e se renova” (PIMENTA,1924:11-12).

36 Podemos dizer que Joaquim Pimenta, escrevendo no mesmo contexto científico-cultural de Roquette Pinto também, buscou orientar-se na realização de uma “sciencia moderna”, que tinha na “estreita solidariedade da terra e do homem” a base para o desenvolvimento da sociedade brasileira (Id., Ibid.:11)

37 O trabalho de Cassiano Ricardo pode ser inserido nessa mesma linha de estudos brasileiros, primeiro pela escolha do tema, o processo de expansão territorial, e segundo pelo olhar. O autor considerou o movimento bandeirante como resultado de diferentes fatores, físicos e humanos.

38 Para Cassiano Ricardo, o movimento bandeirante seria resultado da localização de São Paulo: “a sede, o nascedouro social e histórico do fenómeno é o planalto. No planalto está situado o seu foco originário e original (...) Só do planalto partiram, pois, as levas que deram à bandeira o carácter de um ‘fenomeno constante e especial’” (CASSIANO RICARDO, 1940:37), mas também seria uma opção feita por aqueles que coordenaram o movimento: “Nada nos deu tamanha riqueza de ‘geografia em função política’ como a marcha bandeirante, irradiada do altiplano. Por obra sua, todos os acidentes hidrográficos e orográficos tomaram sentido humano inconfundível na aliança do brasileiro com a terra” (Id., Ibid.:51). Porque se por um lado a natureza foi vista como a responsável pela marcha para oeste, por outro, foi considerada como dominada por seus conquistadores (Id., Ibid.:53). Cassiano Ricardo escreveu sobre uma interdependência entre homem e a natureza:

“É o homem que amarra a distância com os rios, com o sangue brasileiro da bandeira, com as entradas de penetração, com o espírito que vigia a terra, com os laços invisíveis e ternos da solidariedade nacional (...) trata-se de uma geografia que o homem dominou com a história”.

39 Completando essa idéia ele acrescentou ainda:

“Alguns deterministas ferozes verão na bandeira apenas o ‘empurrão do planalto’ (a geografia que nos deu a bandeira) mas não acreditarão nela como sendo a mais bela vitória do homem sobre a geografia (a geografia que a bandeira nos deu)” (Id., Ibid.:53).

40 Ao escrever um ensaio com orientação histórica, Cassiano Ricardo estabeleceu que a compreensão do modo como se deu o processo de povoamento esteve relacionado com o aparecimento de novos grupos sociais, que por ele foram classificados segundo critérios relativos à localização geográfica, mobilidade interna e externa e composição étnica. Então, à questão espacial, definidora de dois grandes grupos, o do litoral – São Vicente e Olinda – e o do planalto – Santo André da Borda do Campo e São Paulo de Piratininga –, o autor somou o elemento étnico, ao esclarecer que os do sertão haviam herdado do indígena características nômades e os homens do litoral recebido do negro elementos para estabelecerem uma vida sedentária. Cassiano Ricardo elegeu a natureza do território e da gente que o habitava como responsáveis pela mobilidade que espalhou o espírito do lugar por todo o espaço nacional, criando uma identidade.

- 41 A idéia que o meio foi um dos elementos impulsionadores da conquista territorial está presente em seus textos, principalmente quando procurou demonstrar a singularidade do lugar onde surgiu o bandeirantismo. Na sua interpretação, o habitat teria alterado inclusive a herança genética dos mestiços, fazendo “aparecer uma raça característica que jamais se havia revelado”. O meio formado por terrenos férteis, de “bons e delicados ares e mui sadios”, seria o responsável pelo surgimento de uma gente diferente, mais especificamente, a chave para a compreensão de como havia se dado o surgimento de características tão especiais (CASSIANO RICARDO, 1940:41).
- 42 De todos os fatores físicos, o rio Tietê, com a peculiaridade de nascer na Serra do Mar e correr para o interior, acabou sendo transformado no maior exemplo utilizado pelo autor, quando sugere a hipótese de o rio ter orientado, numa espécie de missão histórica, os bandeirantes em direção ao sertão. Na leitura de um trecho do poema Sem-Fim, podemos perceber a clara intenção de divulgar a idéia que aponta São Paulo como o habitat intransferível para o aparecimento do bandeirante,
- “(…) chapelão pra dez anos de sol e de chuva;
E o Tietê, que nascera correndo pra dentro
da terra e de costas voltadas pro mar
conduzindo pirógas morenas
com homens de bronze formando bolotas de músculos
no peito e nos braços,
pra onde vão não sabemos
é uma voz que nos chama
e é esta voz que dirá nosso fim.
E os Gigantes partindo pro mato um por um; vocês rézem por mim!”
(CASSIANO RICARDO, 1928:99-100).
- 43 A partir do exemplo citado, podemos concluir que ao utilizar a geografia como ponto de partida, o autor insistiu na fórmula homem-meio, onde as questões humanas foram associadas ao caráter ambiental dos lugares. Numa perspectiva que naturaliza a história e a realidade social do Brasil. Aqui, remetendo-se aos trabalhos de Mônica Velloso e Luis Lopes Diniz Filho, podemos dizer que, para Cassiano Ricardo, o bandeirante herdou da natureza original o destino expansionista (VELLOSO, 1990; DINIZ FILHO, 1993).
- 44 As bandeiras para Cassiano Ricardo foram constituídas com base numa organização preexistente em São Paulo, com uma estrutura interna resultante da reprodução de outra que já se encontrava nas famílias paulistas, “verdadeiros clãs” na opinião do autor, que a marcha bandeirante acabou reeditando em outros lugares.
- “É como aquele ‘marco zero’ que no centro da cidade atual, é o símbolo evocativo das distâncias amarradas a um só ponto de irradiação e de referência, o altiplano era a base única e necessária a que se prendiam os agrupamentos humanos, mesmo depois de destacados e internados nos mistérios ou na luta da mineração pouco importava saber se voltariam, ou não, ao ponto de partida. A vida do altiplano tinha ido com eles. O sangue para a plantação das cidades não poderia separar-se jamais de sua procedência” (CASSIANO RICARDO, 1940:311).
- 45 Para o autor, o processo de povoamento da colônia pode ser entendido a partir da relação entre a formação das fronteiras e da identidade nacional. Esta idéia fica clara quando ele expõe a dinâmica das bandeiras. Cada bandeira saída de São Paulo de Piratininga teria levado, entre os utensílios da carga material, uma espécie de roupagem simbólica. O modo de vida do planalto, foi assim de certa maneira transposto para os lugares conquistados. Esse *modus vivendi*, reproduzido pelos novos territórios funcionaria como um posto avançado, marco fronteiriço da colônia.

- 46 Por fim, Cassiano Ricardo defende que, ao instalarem novos núcleos de povoamento, os bandeirantes cumpriram o papel de difusores do estilo específico de viver no planalto. Os bandeirantes, nesse caso, fizeram-se responsáveis pela realização da etapa fundamental do processo de construção nacional, onde São Paulo, ganharia status de matriz da unidade e da identidade nacional.
- 47 Após ter concluído a descrição sobre a expansão física do território brasileiro, Cassiano Ricardo fez pequena referência às questões jurídicas envolvidas no processo, no caso o Tratado de Madri e utilização do *uti possidetis* pelo direito internacional. Nesse momento, num processo de associação entre representação gráfica e patriótica, o mapa foi transformado em objeto de culto cívico. Ao relacionar nacionalismo e território, nosso autor parece retomar Porque me ufano de meu país de Afonso Celso, onde a extensão territorial do país foi utilizada como fator determinante de sua história grandiosa.
- 48 Quando conferiu um sentimento de patriotismo à representação gráfica do Brasil, Cassiano Ricardo chegou a extrapolar o sentido jurídico para exprimir a própria idéia de nação, onde a fronteira passou a significar além de marco, o ponto exato até onde teria chegado o espírito bandeirante. O sentimento simbólico e pátrio aguçado por ele através do culto às dimensões territoriais do Brasil, juntamente com a cultura, a língua e a história nacionais contribuíram para a construção de uma representação patriótica para o país.¹
- 49 Na história territorial brasileira escrita por Cassiano Ricardo, o movimento bandeirante foi analisado como um “fenômeno violentamente espacial”, onde homem e meio agiram de maneira simbiótica. Para o autor somente os Estados dotados de grandes espaços teriam um futuro próspero: “Feliz o Estado que possui tais espaços de futuro, pois poderá ter, assim, dentro de suas fronteiras, uma política de expansão no sentido de colonizar e prosperar em paz: ele cresce para dentro” (CASSIANO RICARDO, 1940:53-54). A importância dessa citação está no fato de revelar que, através do valor atribuído ao espaço nacional, o autor acabou demonstrando o papel decisivo dos bandeirantes. Porque se a prosperidade estava relacionada aos fatos de possuir fundos territoriais, o Brasil que os possuía teria uma dívida eterna para com herdeiros daqueles que permitiriam nessa situação. “Este apego à liberdade física de ir e vir, esta nossa riqueza de individualismo credor de riqueza e de beleza explicam-se pela sensação de espaço que o Brasil nos dá e que é parte integrante de nossa alegria de viver. Em resumo: filha de uma imposição geográfica, deu-nos a bandeira uma geografia em réplica admirável. O Brasil vem a ser, pois a creatura geográfica da Bandeira” (Id., *Ibid.*:56).
- 50 Escrita a história, caberia, então, no contexto em que foi produzida a obra de Cassiano Ricardo, o reconhecimento nacional aos paulistas enquanto heróis nacionais. Restaria divulgar São Paulo como núcleo original, lugar de onde pela primeira vez foram vistas as portas do sertão, ponto de partida da conquista territorial e berço dos mais perfeitos guardiões das fronteiras nacionais. E à geografia caberia emprestar seus mais conhecidos argumentos para justificar toda essa história.

Breve Conclusão

- 51 Entre as matrizes regionais elaboradas no campo das idéias e apresentadas como peças fundamentais para o entendimento do processo de construção da identidade nacional, a

gesta bandeirante criada por Cassiano Ricardo pode ser considerada como exemplar. Forjada, num país de poucas tradições, com o objetivo de criar um passado que fosse capaz de agregar todos os paulistas entorno de ideais de uma pequena burguesia de agricultores e exportadores de café. Cassiano Ricardo tinha como intuito fazer da história dos primeiros povoadores do planalto de Piratininga, a história de todos os brasileiros, paulistas ou não.

- 52 Em verso ou em prosa, a história do Brasil deveria ser aquela da conquista do sertão a partir do Planalto, por dentro do Tietê, com a gesta dessa harpa geográfica, que colocava sobre os ombros dos bravos bandeirantes a construção do país. Nesse caso o país seria São Paulo, seria o café, seria o mito bandeirante.
- 53 A obra de Cassiano Ricardo, então, remete a uma dada leitura feita com os elementos já anteriormente expostos. A partir de cada história local-regional, tendo como pressuposto a construção do território, passaria a existir uma uniformização histórica – a região é a origem da nação, a região é a nação.
- 54 A imposição proposta pela obra de Cassiano Ricardo se dá até no plano estético. A obra violenta dos bandeirantes, a ação etnocida da invasão territorial, deve ser vista como pura poesia. Os índios que foram mortos ou aprisionados pela ação bandeirante são tratados como irmãos de seus assassinos, como se esse fosse um país construído sem o derramamento de uma só gota de sangue. Uma história tão idílica quanto edênica. Na história do Brasil, escrita por Cassiano Ricardo, não existe espaço para assuntos que por ventura possam macular a imagem do paulista. Os principais capítulos devem ser enaltecidos de um personagem e de um grande tema, respectivamente do bandeirante e da nossa herança material – o território conquistado. O Brasil de Cassiano Ricardo é um paraíso.

Cassiano Ricardo e o mito da Bandeira no Estado Novo

“A Bandeira é um operador semântico adequado, porque já faz parte da memória social do brasileiro como fenômeno fabuloso. O que o autor [Cassiano Ricardo] precisa fazer nesse sentido é apenas reforçar esse caráter de fábula, de grandioso, reconstruindo o modelo ideal que convence, não pelo raciocínio crítico, mas sim através do apelo ao caráter de excepcionalidade, a imagens, e a um símbolo já interiorizado. Nesse sentido a narrativa associa o bandeirante a “héroi”, “gigante de botas de sete léguas”, etc.

Bandeira é um operador semântico adequado ainda num outro sentido: remete à mobilidade espacial. Mobilidade espacial é útil, não apenas nos seus próprios termos de deslocamento no espaço (...) mas também por ser uma categoria facilmente manipulável para conotar processos de mudança ao nível da organização social.

Ao mesmo tempo, a Bandeira é um fenômeno ligado, no tempo, ao passado, e, no espaço, ao interior; é, portanto, útil para expressar a idéia de que a mudança que se opera deve ser uma volta ao passado e ao interior: Além disso, tendo definido a Bandeira como fenômeno sui generis, tipicamente brasileiro (por oposição a qualquer movimento de expansão que se dê ou se tenha dado em qualquer outro país do mundo), se exclui, por ilegítimo, qualquer outro modelo de organização, de ações ou idéias, o que seria “imitação”, “deturpação”, “desvio”. É assim que liberalismo, facismo e comunismo são excluídos como soluções plausíveis em

termos de organização social”.

ESTERCI, Neide (1972). O Mito da Democracia no País das Bandeiras (Análise simbólica dos discursos sobre imigração e colonização no Estado Novo). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Departamento de Antropologia, Museu Nacional-UFRJ, pp. 69-70.

BIBLIOGRAFIA

- ABUD, Kátia Maria (1985). O Sangue Intimorato e as Nobilíssimas Tradições – A Construção de um Símbolo Paulista: O Bandeirante. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP.
- ANDERSON, Benedict (1989). Nação e Consciência Nacional. São Paulo. Ática.
- ARRUDA, Maria A do Nascimento (1990). Mitologia da Mineridade. São Paulo, Brasiliense.
- BRAYNER, Sonia (1979). Cassiano Ricardo: Coletânea. Rio de Janeiro, Coleção Fortuna MEC.
- BOSI, Alfredo (1969). O Pré Modernismo. São Paulo, Cultrix.
- _____. (1974). História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Cultrix.
- BOURDIEU, Pierre (1982). A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Perspectiva.
- CANDIDO, Antonio (s/d). Formação da Literatura Brasileira, vol. 2 (1836-1880). São Paulo, Martins Fontes.
- CASSIANO RICARDO (1928). Martim Cererê. São Paulo, Saraiva.
- _____. (1936). O Brasil no Original. São Paulo, Série Cultura Brasileira.
- _____. (1940). Marcha para Oeste. Rio de Janeiro, José Olympio.
- COELHO, Nelly Novaes (1972). Seleta em Prosa e Verso. Rio de Janeiro, José Olympio.
- CORRÊA, Nereu (s/d). Cassiano Ricardo – O Prosador e o Poeta, Conselho Estadual de Cultura, São Paulo.
- DAVIDOFF, Carlos (1982). Bandeirantismo: Verso e Reverso. Série Tudo é História nº 14. São Paulo, Brasiliense.
- DIAS, Carmem (1984). Paixão de Raiz – Valdomiro Silveira e o Regionalismo. São Paulo, Ática.
- DINIZ FILHO, Luis Lopes (1993). Territórios e Destino Nacional: Ideologias Geográficas e Políticas Territoriais no Estado Novo. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP.
- ESCOLAR, Marcelo (1990). La Representación Patriótica: Legitimación Geográfica y Formación Territorial. Buenos Aires, Instituto de Geografía, UBA.
- FERRARA, Lucrécia (1969). Introdução ao Estudo do Regionalismo de Valdomiro Silveira. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC.
- KUJAWSKI, Gilberto de M. (1985). “A Personalidade Regional Paulista” in Ciência e Trópicos vol. 13 nº 1. Recife.

- LEITE, Dante Moreira (1983). *O Caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo, Pioneira.
- LINHARES, Temistócles (1987). *História Crítica do Romance Brasileiro*, vol. 2 e 3. São Paulo: EDUSP / Belo Horizonte: Itatiaia.
- MACHADO, Lia Osório (1995). "Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)" in CASTRO, I. E. et alii (orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- MARKUSEN, Ann (1981). "Região e Regionalismo: Um Enfoque Marxista" in *Espaço e Debates* ano 1 nº 4. São Paulo.
- MEYER, Marlise (1980). "A Descoberta do Brasil: um Eterno Retorno" in *Cadernos do Ceru* 13. São Paulo.
- MORAES, Antonio Carlos Robert (1991). *Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*, Hucitec, São Paulo.
- _____. (1991). "Notas sobre a Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia no Brasil" in *Estudos Históricos* vol. 1 nº 8. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (1987). "Repensando a Tradição" in *Revista Ciência Hoje* 38. São Paulo, SBPC.
- _____. (1999). "A Conquista do Espaço: Sertão, Fronteira e Região no Pensamento Brasileiro" in *Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*. Rio Claro, UNESP, p.47-60.
- OLIVEN, Ruben George (1992). *A Parte e o Todo: a Diversidade Cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis, Vozes.
- PIMENTA, Joaquim (1924). "O Determinismo na História" in *Revista Novíssima* nº 6. São Paulo.
- ROQUETTE PINTO, Edgar (1927). *Seixos Rolados*. Rio de Janeiro, Estudos Brasileiros.
- SCHWARCZ, Lília (1989). "'Os Guardiões da Nossa História Oficial': Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros" in *História das Ciências Sociais* 9. São Paulo, IDESP.
- SILVEIRA, Rosa M. G. (1984). *O Regionalismo Nordeste*. São Paulo, Moderna.
- VELLOSO, Mônica Pimenta (1983). *O Mito da Originalidade Brasileira: A Trajetória Intelectual de Cassiano Ricardo dos Anos 20 ao Estado Novo*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC.
- _____. (1990). *A Brasilidade Verde - Amarela: Nacionalismo e Regionalismo Paulista*. Rio de Janeiro, CPDOC.
- SOUZA, Cândice Vidal e (1997). *A Pátria Geográfica - Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro*. Goiânia, Editora UFG.

NOTAS

1. Representação patriótica é uma concepção tomada de empréstimo de Marcelo Escolar: "La representación patriótica es una forma de interpelación edológica institucional que busca conformar, en la conciencia colectiva de los ciudadanos "Nacionales", un sentimiento de pertenencia esencial con un ámbito geográfico proscripto, una impuesta como escala territorial legítima de la nacionalidad" (ESCOLAR, 1990:7)

ÍNDICE

Índice geográfico: São Paulo

Índice cronológico: 1924, 1940